



HORTA DA TORRE, CABEÇO DE VIDE - FRONTEIRA
LEVANTAMENTO FOTOGRAFÉTICO 2016

(fig 1) Levantamento fotogramétrico da *villa* da Horta da Torre no final da campanha de 2016.
Autoria de Carlos Carpetudo, Cromeleque (www.cromeleque.com; www.montemorbase.com)

O FINAL DAS VILLAE NA LUSITÂNIA ROMANA. O EXEMPLO DA HORTA DA TORRE (FRONTEIRA)

ANDRÉ CARNEIRO
Universidad de Évora
ampc@uevora.pt

RESUMO

A partir de um caso concreto – as evidências de reocupações pós-abandono na *villa* de Horta da Torre (Portugal) – estudam-se os processos que caracterizam a última fase de presença neste tipo de sítios, após o seu abandono em torno ao século V.

PALAVRAS-CHAVE

Villa; ocupações pós-abandono; *squatters*; Lusitânia romana.

ABSTRACT

Starting from a case study - the squatter evidences in Horta da Torre (Portugal) roman villa - we study the processes concerning the last occupation phases in this class of sites, after their abandonment in the Vth century.

KEYWORDS

Villa; post-abandonment occupations; *squatters*; Roman Lusitania.

Algures em finais do século V, um grupo de pessoas ocupou uma residência abandonada. Trata-se de uma casa sumptuosa, plena de requintes e de sofisticada decoração, que neste momento irá ser habitada mas, em simultâneo, metodicamente pilhada: as placas de mármore serão arrancadas das paredes, a grande sala onde antes corria água durante os banquetes irá ter o pavimento perfurado para se construir uma cabana, o peristilo de paredes delicadamente pintadas irá ser utilizado para guardar animais e para despejar lixo. Ou seja, a percepção do espaço e das elaboradas formas de

vida perdeu-se completamente, sendo substituído por uma forma de ocupação totalmente distinta, e a casa é encarada meramente como local de abrigo e como reserva de materiais para serem saqueados. O local chama-se Horta da Torre, e fica no concelho de Fronteira (Alentejo, Portugal); os novos ocupantes não sabemos quem são, mas seguramente sabemos quem *não* são, pois os antigos habitantes não usavam o tipo de cabanas (*longhouse*) feitas em materiais perecíveis que se instala dentro da grande sala de banquetes.

A VILLA ROMANA DA HORTA DA TORRE

Com o apoio exclusivo do Município de Fronteira, iniciou-se em 2012 um projeto plurianual de investigação arqueológica programada na *villa* romana de Horta da Torre, um dos mais monumentais sítios arqueológicos no concelho de Fronteira (fig. 1) e na sua região. A história recente do local foi feita de destruições sistemáticas, fosse por ordem dos proprietários, que queriam eliminar as estruturas para ganhar terreno para a agricultura, fosse por ação de caçadores de tesouros e de detectoristas. Os primeiros resultados da escavação em curso são surpreendentes: em vez de um sítio completamente destruído, identificou-se uma grande sala, com cerca de 90m², que numa das extremidades apresenta um *stibadium*, o segundo dispositivo deste tipo a ser reconhecido numa *villa* na província lusitana, após o de Rabaçal (Penela). O pavimento em *opus signinum*, um revestimento humilde e na aparência pouco adequado à sofisticação do ambiente, permitiu suspeitar de algo que viria a ser confirmado pela análise da parede atrás do móvel: a dupla ábside oculta pela parede tem um forro interior impermeabilizante que lhe permitia funcionar como um reservatório de água, e atrás do *stibadium* existia uma comporta que permitia que a sala fosse inundada de água, que também escorria pelas paredes da ábside através de um sistema de condutas em tijolo, simulando assim uma cascata artificial. Ou seja, durante os momentos de banquete, o *dominus* e os seus convidados podiam desfrutar de uma *simulacro* de um ambiente natural e aquático. A espetacularidade do ambiente, que tem paralelo próximo (mas não exato) na *villa* de Faragola¹ (Itália), era reforçada por painéis de mosaico multicoloridos que, ao contrário da habitual colocação no pavimento, esta-

vam situados a meia altura das paredes, acima de um rodapé constituído por lajes de mármore com cerca de 50cm de altura que revestiam toda a largura da sala. Em outro sector, a escavação permitiu identificar um peristilo colonado, rodeado de paredes ornamentadas com pinturas murais, articulados em torno de um *impluvium* alimentado por uma fonte. Um espaço intimista e bucólico, bem distante do aparato requintado e sofisticado da sala onde decorriam os banquetes.

A *villa* terá sido abandonada em torno a meados do século V, como sucede em muitos destes estabelecimentos no território lusitano². Mas com um intervalo de poucos anos o local voltará a ser ocupado: as paredes das casas ainda estavam de pé (apenas o telhado do *impluvium* já tinha caído para o interior do tanque), quando se instalam pessoas que irão ocupar o espaço de um modo radicalmente distinto. A grande sala de recepções e de sumptuosa decoração irá albergar uma cabana, do tipo *Longhouse*, com postes de madeira que irão perfurar o pavimento em *opus signinum* da sala ao longo de quase todo o seu comprimento, criando uma estrutura rectangular feita em materiais perecíveis, com evidentes paralelos ao ocorrido na *villa* de El Val³. Aparte as estruturas negativas dos buracos de poste perfurando o pavimento, estas construções não deixaram qualquer registo arqueológico, mas a ação destes ocupantes é bem visível: todo o espaço doméstico será sistematicamente limpo, pois quase não existem materiais arqueológicos nos níveis de ocupação, e as placas de mármore do rodapé da sala serão arrancadas pela raiz com grande violência num fenómeno semelhante, por exemplo, ao registado na *villa* de Noheda (Cuenca)⁴.

¹ Volpe, Giuliano (2006) *Stibadium e convivium in una villa tardoantica* (Faragola - Ascoli Satriano). In: Silvestrini, M., Spagnoulo Vigorita, T., Volpe, G. (Eds.), *Studi in onore di Francesco Grelle*. Bari, p. 319-349.

² Embora existam fragmentos de terra sigillata clara africana D recolhidos em prospecção na envolvente do sítio, nenhum indicador após meados do século V foi recolhido durante a escavação do sítio.

³ S. Rascón, A. Méndez Madariaga, P. del Río Español (1991) La reocupación del mosaico del auriga victorioso en la villa romana de El Val (Alcalá de Henares). Un estudio de microespacio. *Arqueología, Paleontología y Etnografía* 1, p. 197.

⁴ M. A. Valero Tevar (2013) The late-antique villa at Noheda (Villar de Domingo García) near Cuenca and its mosaics. *Journal of Roman Archaeology* 26, p. 307-330.



(fig 2) Levantamento fotográfico em voo de baixa altitude com drone
Realizado por João Marques, Geodrone (www.geodrone.pt)



(fig 3) Buraco de poste que perfura o pavimento do *impluvium* e implicou a limpeza de parte do derrube do peristilo.

Na área do peristilo, o derrube de telhado do *impluvium* é afastado, para que outro buraco de poste perfure o pavimento em *opus signinum* do tanque (figura 3). O propósito aqui é, contudo, diferente do verificado na sala: repousando sobre as telhas do derrube do peristilo foram encontrados restos ósseos de mamíferos de médias dimensões, como cabras e/ou ovelhas e ainda suínos (porco e/ou javali)⁵. Estes animais eram criados e mantidos no local, estando abrigados debaixo de uma cabana. No canto nordeste da sala, o derrube foi afastado para que se despejassem restos de refeições: entre as cinzas encontraram-se numerosos ossos carbonizados e com marcas de corte, além de mandíbulas de bovinos (fig. 4).

Portanto, no grande espaço áulico da sala temos pessoas habitando dentro de uma *longhouse*; no espaço anexo, o peristilo é utilizado para abrigar animais e para despejar restos de lixo e de comida.

Esta fase tardia de ocupação do local será curta, possivelmente não ultrapassando mais do que uma geração. Em torno a finais do século VI a *villa* está definitivamente abandonada, sendo a única da região que não regista fenómenos de cristianização ou que – apesar da proximidade à possível via XIV do Itinerário de Antonino⁶, uma das estradas de ligação entre *Emerita Augusta* e *Olisipo* – não regista reocupações posteriores nem a construção de uma ermida cristã no local.

Contudo, os indicadores recolhidos nas escavações arqueológicas permitem já afirmar que a Horta da Torre é o sítio arqueológico em Portugal onde melhor se documenta a presença de comunidades *squatters* pós-abandono de época romana, sendo bem perceptíveis os padrões desta ocupação, apesar dos exíguos testemunhos deixados.



(fig 4) Mandíbula identificada em momento de ocupação tardio.

⁵ M. J. Valente e A. Carneiro (2015) Entre a pecuária e a caça: dados preliminares da fauna de vertebrados da *villa* romana da Horta da Torre (Fronteira). Poster apresentado no Encontro O mundo animal na romanização da Península Ibérica, Lisboa, 26-27 de Junho

⁶ A. Carneiro (2014) *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra. Acessível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/lugares_tempos_e_pessoas_povoamento_rural_romano_no_alto_alentejo_vol_i e https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/lugares_tempos_e_pessoas_povoamento_rural_romano_no_alto_alentejo_vol_ii.

O FINAL DAS *VILLAE* NA LUSITÂNIA ROMANA

O caso da Horta da Torre será o mais bem documentado a nível regional, mas o fenómeno de ocupação pós-abandono não é exclusivo do local: em vários sítios identificaram-se evidências de *squatters*, seja com restos de consumo, com a pilhagem de materiais e elementos arquitectónicos, com a perfuração de pavimentos ou, como em Torre de Palma (Monforte), com

remendos em *opus signinum* nos pavimentos de mosaico do peristilo central da casa.

Contudo, o fenómeno mais frequente na região consiste na reconversão dos espaços habitacionais em local de enterramento, a designada *necropolização*. Para o Alto Alentejo temos as seguintes situações⁷:

Modos de presença humana	Topónimo	Concelho	Comentários
Squatterização (ocupações pontuais)	Argamassas	Campo Maior	Lareira sobre mosaico
	Quinta das Longas	Elvas	Perfurações em pavimentos
	S. Vitória do Ameixial	Estremoz	Lareiras; consumo de fauna
	Monte de São Pedro	Fronteira	Compartimentação de espaços; silos
	Horta da Torre	Fronteira	Perfurações em pavimentos; lareiras
	Torre de Palma	Monforte	Restauro de mosaicos; lareiras
Necropolização	S. Salvador	C. Maior	Necrópole fora da pars urbana
	S. Pedro dos Pastores	C. Maior	Necrópole em meio a estruturas
	Ovelheira	Elvas	Sepultura em compartimento absidado em meio a estruturas
	Terrugem	Elvas	Necrópole em meio a estruturas
	Silveirona/Coelha	Estremoz	Necrópole em meio a estruturas
	Horta de S. Pedro	Sousel	Necrópole em meio a estruturas (?)
	Pombais	Marvão	Necropolização de edifício termal
	Mascarro	Castelo de Vide	Sepultura em meio a estruturas
	Vale da Bexiga	Castelo de Vide	Sepulturas em meio a estruturas
	Monte de S. Francisco	Fronteira	Sepulturas em meio a estruturas ⁸
Edifício cristão	Torre de Palma	Monforte	Basílica no exterior da pars urbana

O panorama existente não apresenta a diversidade patente em outras regiões da *Hispania*, onde encontramos fenómenos de reocupação com estruturas de âmbito produtivo e também com a construção de templos de culto cristão no interior ou nas proximidades da *pars urbana*.

Estes fenómenos mostram-nos como os antigos espaços de *otium et negotium*, as grandes *villae* monumentais de rico aparato decorativo, são agora despojadas da sua função e encaradas como espaços meramente utilitários: locais de abrigo para estadias

curtas e onde os ricos ornamentos podem ser saqueados e utilizados para outros fins. Não sabemos qual a identidade destes novos protagonistas, se membros do antigo fundo hispano-romano que vivem agora em condições completamente distintas de sobrevivência, ou se novos ocupantes acabados de chegar a este território e para quem as *villae* nada significam. O que sabemos, sim, é que esta forma de ocupar de modo precário os antigos símbolos do Império mostra como os códigos e espaços de representação se perderam definitivamente, e vivemos já em outro processo histórico completamente distinto.

⁷ A. Carneiro (2016) Mudança e continuidade no povoamento rural no Alto Alentejo durante a Antiguidade Tardia. In: Encarnação, J., Lopes, M. C. Carvalho, P. C., *A Lusitânia entre romanos e bárbaros*. Coimbra/Mangualde, p. 281-307.

⁸ Monte de S. Francisco é um sítio romano com abundantes indicadores de superfície, em especial na recolha de terra sigillata de proveniência norte-africana, indicando ocupações do local até inícios do século VI. Os achados arquitetónicos de elementos em mármore apontam para a existência de uma *villa* com grande capacidade aquisitiva. No entanto, em 2015 foi identificada uma sepultura no local: a intervenção de emergência, conduzida pelo signatário, permitiu identificar três enterramentos sem espólio, mas datáveis de meados do século V ou inícios do VI. Não se identificaram estruturas, mas a posição das sepulturas encontra-se muito próxima de uma zona onde se identificaram mosaicos em escavações clandestinas no local. 26, p. 307-330.